

ARTIGO ORIGINAL – DOSSIÊ “NEW SOUND ECOLOGIES”


Etimologia como análise do som: um estudo da variação de nomes de aves do Pantanal

Thierry Delmond 

Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande, MS, Brasil

William Teixeira 

Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande, MS, Brasil

Maristela Benites da Silva 

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande, MS, Brasil

Resumo: Este estudo investiga a variação socioterminológica dos nomes de aves do Pantanal cuja etimologia faz referência a uma descrição do som produzido pela ave, seja essa descrição onomatopoeica ou de outra natureza. Fundamentado na teoria da motivação linguística e nos princípios da lexicologia e da terminologia, o trabalho analisa uma amostra de um *corpus* de 76 nomes vernaculares e populares de aves coletados em fontes lexicográficas, ornitológicas e também entrevistas orais com as diferentes comunidades pantaneiras. A metodologia empregada combina pesquisa documental, análise etimológica e consulta a especialistas. Os resultados revelam uma rica variedade de processos linguísticos por trás da criação desses termos, incluindo onomatopoeias, descrições de sons, metáforas e empréstimos linguísticos. O estudo contribui para uma melhor compreensão da interface entre linguagem, percepção sonora e nomenclatura ornitológica na região do Pantanal.

Palavras-chave: Variação, Socioterminologia, Avifauna pantaneira, vocalizações das aves.

Abstract: This study investigates the socioterminological variation of bird names from the Pantanal region whose etymology refers to a description of the sound produced by the bird, whether this description is onomatopoeic or of another nature. Grounded in the theory of linguistic motivation and the principles of Lexicology and Terminology, the work analyzes a sample of a *corpus* of 76 vernacular and popular bird names collected from lexicographic, ornithological sources and interviews with the different Pantanal communities. The methodology employed combines documentary research, etymological analysis, and consultation with experts. The results reveal a rich variety of linguistic processes behind the creation of these terms, including onomatopoeias, sound descriptions, metaphors, and linguistic borrowings. The study contributes to a better understanding of the interface between language, sound perception, and ornithological nomenclature in the Pantanal region.

Keywords: Variation, Socioterminology, Pantanal avifauna, Bird vocalizations.

O Pantanal, a maior planície alagada do planeta, abriga uma extraordinária abundância de aves, muitas das quais têm nomes fortemente inspirados nos sons que emitem. Essas denominações, frutos de um processo de nomeação intimamente ligado à experiência sensorial dos povos locais, relações sociais e produção de existência, refletem uma relação profunda entre linguagem e meio ambiente (Delmond, 2022). Trata-se de uma necessidade vital do homem que, para viver em uma sociedade humana, precisa classificar e nomear o mundo e as coisas que o compõem, usando unidades de nomeação. É por isso que o ato de nomear é realizado de formas distintas, conforme as necessidades de cada povo. Nesse sentido,

[...] concebendo-se o léxico como o nível da língua que melhor documenta o modo como um povo vê e representa a realidade em que vive, podemos entender que o vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e, também a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história. Em vista disso, o repertório lexical de uma comunidade linguística renova-se, transforma-se à medida que atuarem sobre ele fatores históricos, geográficos, culturais (Isquierdo, 2003, p. 165).

Como afirma Biderman (1999, p. 88), “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. O presente estudo tem por objetivo investigar a variação terminológica dos nomes de aves do Pantanal, cuja etimologia faz referência a uma descrição do som produzido pela ave, seja essa descrição onomatopeica ou de outra natureza.

A região do Pantanal, localizada no Centro-Oeste do Brasil e presente na Bolívia e no Paraguai, é reconhecida por sua biodiversidade de características singulares. Possuindo aproximadamente 200 mil quilômetros quadrados, seu ecossistema abriga um dos maiores sítios Ramsar do mundo, com imensos banhados, lagoas, rios e áreas periodicamente inundadas (Fernandes *et al.*, 2010, p. 16; Alho *et al.*, 2019; Unesco, 2024). Esse ecossistema único apresenta uma biodiversidade excepcional, incluindo 617 espécies de aves, muitas delas raras, migratórias e/ou ameaçadas de extinção (Nunes *et al.*, 2021).

Nesse contexto de riqueza ornitológica, os povos indígenas, ribeirinhos e pantaneiros desenvolveram, ao longo de séculos, um profundo conhecimento sobre as aves locais, seus hábitos, comportamentos e vocalizações. Esse saber tradicional encontra-se intimamente entrelaçado com a

linguagem e os sistemas de nomeação empregados por essas comunidades para designar as diferentes espécies de aves, como mais amplamente relatado em Delmond (2022).

Muitos dos nomes atribuídos às aves do Pantanal são marcados por uma estreita relação com os sons emitidos por esses animais. Essa conexão entre linguagem e percepção auditiva reflete uma estreita sintonia com o meio ambiente e uma capacidade aguçada de observação e interpretação dos elementos naturais, conforme apontam estudos etnobiológicos (Berlin, 1992; Hunn, 1982). Além disso, a tradição oral desenvolvida por povos ancestrais marca a maneira de perceber e interagir com o ambiente, comunicar e transmitir conhecimentos a outras gerações e demais grupos sociais conviventes. Assim, várias práticas culturais que resultam da relação direta com a natureza não são arbitrárias ou inconsequentes para a produção de vida (Ganassin *et al.*, 2023).

Os nomes de aves inspirados por sons podem ser vistos como tesouros linguísticos, carregados de criatividade, conhecimento empírico e uma profunda ligação com o entorno natural, como destaca Messiaen (1999) ao discutir a influência das vocalizações de aves na música.

O estudo da variação terminológica desses nomes reveste-se de grande importância não apenas para a investigação linguística, mas também para a preservação do patrimônio cultural e do conhecimento tradicional associado à Ornitologia do Pantanal. O termo variação inclui os nomes populares, vernaculares, até científicos. Denomina-se variação linguística os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua. Segundo Antunes (2007), “essas diferentes formas que a língua assume, dentro de uma sociedade, é decorrente da indissociabilidade de quatro realidades, que são: língua, cultura, identidade e povo. Portanto, considera-se a língua o reflexo da trajetória histórica de uma sociedade”. Do mesmo teor, Bagno (2006) argumenta que,

o termo variação se aplica a uma característica das línguas humanas que faz parte de sua própria natureza: a heterogeneidade. A palavra língua nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade, que não corresponde aos fatos. Quando nos referimos ao português, ao francês, ao chinês, ao árabe etc., usamos um rótulo único para designar uma multiplicidade de modos de falar decorrente da multiplicidade das sociedades e das culturas em que as línguas são faladas (Bagno, 2006).

Ao compreender os processos linguísticos envolvidos na criação desses termos, bem como suas motivações e significados subjacentes, podemos obter informações valiosas sobre a relação entre

linguagem, percepção sensorial e meio ambiente nessa região singular, cujos ciclos de seca e cheia modelam não somente as paisagens, mas os modos de vida humana. Além disso, a análise etimológica dos nomes de aves pode contribuir para a Lexicografia e a Terminologia, áreas que se dedicam ao estudo dos vocabulários especializados, conforme apontam obras de referência como Rey (1970; 1979) ou Cabré (1999). Ao desvendar as origens e as motivações por trás desses termos, podemos enriquecer nossa compreensão dos processos de formação lexical, bem como das interfaces entre linguagem, cultura e meio ambiente (Cabré, 1999), resultando em um conhecimento mais detalhado da relação entre o ser humano, seu mundo sensorial e sua realidade.

O presente estudo se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar, integrando perspectivas da Lexicologia, Terminologia, Etimologia e Ornitologia, campos que se inter-relacionam de forma profunda, como ilustrado por Messiaen (1999) em sua abordagem caleidoscópica do fenômeno musical. Essa combinação permite uma análise contextualizada, levando em conta não apenas os aspectos linguísticos, mas também culturais, ecológicos e biológicos.

1. Fundamentação teórica

1.1 Motivação Linguística e Criação Lexical

A fundamentação teórica deste estudo repousa principalmente na teoria da motivação linguística, um arcabouço conceitual que postula que a criação de novas palavras não é um processo arbitrário, mas sim motivado por fatores linguísticos, cognitivos e culturais. Essa perspectiva, desenvolvida por linguistas como Ullmann (1987) e Guiraud (1961), contrapõe-se à visão saussuriana da arbitrariedade do signo linguístico.

Segundo a teoria da motivação, existe uma relação não-arbitrária entre o significante (a forma da palavra) e o significado, impulsionada por mecanismos como a onomatopeia, a metáfora, a metonímia e a descrição de características salientes do referente. Esses processos atuam como forças motrizes na criação lexical, refletindo a relação entre linguagem, cognição e percepção da realidade.

No caso dos nomes de aves inspirados por sons, a onomatopeia e a descrição de características acústicas emergem como mecanismos centrais. A onomatopeia, definida como a imitação direta de um som por meio de uma palavra, como “piu-piu” ou “cócoró”, constitui um exemplo claro de motivação linguística, estabelecendo uma conexão icônica entre o significante e o som imitado (Ullmann, 1987).

Já a descrição de sons, como em “assobio” ou “chilreio”, envolve a caracterização de aspectos específicos da vocalização, como timbre, ritmo ou intensidade. Esse processo revela uma capacidade de observação aguçada e uma tendência humana a traduzir experiências sensoriais em forma linguística (Guiraud, 1961).

1.2 Lexicologia, Terminologia e nomenclatura ornitológica

Os campos da Lexicologia e da Terminologia, que estudam os vocabulários de línguas naturais e áreas especializadas do conhecimento, respectivamente, fornecem arcabouços teóricos e metodológicos pertinentes para a análise dos nomes de aves. Enquanto a Lexicologia se dedica ao estudo do léxico geral, a Terminologia enfoca os conjuntos de termos utilizados em domínios específicos, como a Ornitologia (Barros, 2004; Cabré, 1999; Rey, 1979).

A nomenclatura ornitológica, o sistema de nomeação das espécies de aves, constitui um rico ponto de interseção entre linguagem, ciência e cultura. Os nomes científicos, regidos por convenções internacionais, grafados em latim, buscam refletir características taxonômicas e geográficas, enquanto os nomes populares e vernáculos emergem de processos espontâneos de observação e nomeação realizados por diferentes comunidades (Isquierdo, 2003; Coues, 1890).

Essa interface entre linguagem e ornitologia tem sido explorada por diversos estudos, que investigam a etimologia, a motivação e os processos de formação por trás dos nomes de aves em diferentes culturas e regiões. Destaca-se o trabalho seminal de Coues (1890) sobre a nomenclatura ornitológica, bem como estudos mais recentes sobre a taxonomia popular de aves (Berlin, 1992; Hunn, 1982; Marques, 1998; Farias; Alves, 2007a, 2007b; Straube; Accordi; Argel, 2007; Gomes; Epifânio; Vasconcelos, 2010; Galvagne-Loss; Costa-Neto; Flores, 2013; Souza; Bahia; Santori, 2023).

1.3 Conexões entre a Ornitologia, a Música e as Artes

A relação entre linguagem, sons de aves e percepção sensorial encontra uma expressão singular na obra do compositor francês Olivier Messiaen (1908-1992). Em seu monumental *Traité de rythme, de couleur, et d'ornithologie*, uma obra em sete volumes publicada entre 1949 e 1992, Messiaen explora de forma profunda e inovadora as conexões entre música, cores e vocalizações de aves.

No quinto tomo, Messiaen (1999) destaca a influência determinante que as vocalizações de aves exerceram em sua música, levando-o a desenvolver técnicas composicionais únicas para capturar a essência dos sons ornitológicos. Ele descreve minuciosamente as características rítmicas, melódicas e tímbricas de centenas de espécies, transcrevendo e analisando suas vocalizações com rigor científico. Na vocalização dos pássaros, Messiaen encontra unidades expressivas primitivas, capazes de nos iluminar a própria formação de uma expressividade humana. Segundo ele:

Assim que o homem se multiplicou, ele procurou comunicar-se com seus semelhantes. As 'raízes', esses sons primitivos dos quais surgiram as línguas, começaram com sons exclamativos e sons imitativos. Sons exclamativos - que expressam alegria, dor, admiração, espanto - sons imitativos: onomatopeias que lembram sons naturais (vento, pedras caindo, chuva, cachoeiras, ondas do mar) e, sobretudo, início de linhas melódicas ao estilo dos pássaros. A linguagem simbólica, o som escrito, a sintaxe e suas relações vieram depois. A música: na sua dupla vertente de mensagem, de comunicação – e de silêncio, de alegria artística – veio certamente do canto dos pássaros. (Messiaen, 1999, p. 15)

Essa abordagem, que integra dimensões musicais, visuais e naturais, reflete uma profunda conexão entre arte, linguagem e meio ambiente. Para Messiaen, a música não deve ser apenas uma construção abstrata, mas sim uma experiência multissensorial capaz de evocar cores, ritmos e sons da natureza. É nesse sentido que Messiaen entende que tanto o ouvir quanto o nomear estão intimamente ligados: “O homem tinha que pensar nos sons antes de fazê-los ouvir. Assim como formulou palavras interiores, sinais mentais, antes de falar” (Messiaen, 1999, p. 15). Essa visão holística ecoa os princípios da motivação linguística, pois tanto a criação musical quanto a nomeação de aves pelos diferentes grupos sociais envolvem uma tradução de experiências sensoriais em formas simbólicas. Assim, as contribuições de Messiaen sobre a influência das vocalizações de aves na música

podem iluminar nossa compreensão dos processos criativos por trás da nomeação de aves inspirada por sons.

1.4 Etnoterminologia e conhecimento tradicional

O estudo da variação terminológica dos nomes de aves do Pantanal também se insere no campo da Etnoterminologia, um ramo da Terminologia que se dedica à investigação dos sistemas de terminologias desenvolvidos por comunidades tradicionais, incluindo seus processos de formação, transmissão e manifestações culturais (Barbosa, 2006). Na interseção desta ciência com a da Etnografia, encontramos a Etnoornitologia, conceito definido por Maxwell (1969, p. 202) que pode ser subentendido como um “termo que indica a maneira como uma nação particular ou grupo étnico vê, percebe, classifica, nomeia e, em geral, se relaciona com as aves”. Farias propõe uma definição mais ampla, explicando que esse conceito é “um conjunto de estudos em que se busca compreender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre a espécie humana e as aves” (Farias; Alves, 2007a, p. 92).

Povos ancestrais habitavam o Pantanal bem antes da chegada dos colonizadores. Estudos apontam que o Pantanal do século XVI era habitado por seis famílias linguísticas sendo elas: Aruak, Guaicuru, Tupi-Guarani, Zamuco, Jê e Guató as duas últimas vinculadas ao tronco Macro-Jê (Oliveira, 1997; Brasil, 2015), com grande representatividade dos povos guarani. Melo (1939, p. 47) ao descrever as fronteiras guaranis do Mato Grosso uno, reconhece que a conexão e a sensibilidade à música foram utilizadas, inclusive como estratégia de colonização territorial: “o guarani deixa-se vencer facilmente pela música, que ali em diante é utilizada como meio prodigioso de sua catequese”. A fusão e hibridação cultural com frentes de ocupação colonialista e do pós-guerra da Tríplice Aliança, no final do século XIX, delinearam a cultura resultante até os dias atuais. Nessa perspectiva, os nomes vernáculos de aves são vistos não apenas como simples rótulos linguísticos, mas como repositórios de conhecimento tradicional, refletindo a relação íntima entre essas comunidades e o meio ambiente em que vivem. Cada nome carrega em si uma carga de significados, histórias e percepções sensoriais acumuladas ao longo de gerações (Albuquerque *et al.*, 2014).

A Etnoterminologia também enfatiza a importância da preservação e valorização desses sistemas de conhecimento tradicional, que muitas vezes se encontram ameaçados pela erosão cultural e linguística. Ao estudar a variação terminológica dos nomes de aves do Pantanal, podemos contribuir para a salvaguarda desse patrimônio imaterial, bem como para a promoção do diálogo intercultural e da diversidade linguística.

2. Metodologia

2.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* deste estudo é uma amostra (Quadro 1) baseada na lista das aves do Pantanal (Nunes *et al.*, 2021), da qual foram selecionados 76 nomes vernaculares e populares de aves do Pantanal cuja etimologia faz referência a uma descrição sonora, seja ela onomatopeica ou de outra natureza e que contempla uma diversidade de nomes pertencentes a uma variedade de ordens e famílias. Esses nomes foram coletados de diversas fontes lexicográficas e ornitológicas de procedência validada sobre a avifauna pantaneira, como o RBO (Pacheco *et al.*, 2021), Avibase (2024), WikiAves (2024), Delmond (2022), guias de campo (Gwynne *et al.*, 2010) e levantamento dos nomes a partir de entrevistas orais com diferentes membros das comunidades pantaneiras, conforme preconiza a teoria da Socioterminologia de Faulstich (1995).

As denominações vernaculares e os nomes populares atribuídos pelas comunidades visitadas e pessoas entrevistadas guiaram a seleção dos nomes apresentados. Para isso, um *corpus* fotográfico organizado em formato digital e acompanhado da vocalização de cada ave representada pela foto, foi submetido às diferentes comunidades habitantes do Pantanal brasileiro para o registro das denominações da avifauna utilizadas pelos pantaneiros, mediante a aplicação oral de um questionário sociolinguística anônimo. A gravação das respostas obtidas e autorizadas pelos entrevistados configurou-se como um método eficiente de coleta de dados para a pesquisa.

A seleção das fontes seguiu critérios de confiabilidade e atualidade, priorizando publicações reconhecidas no meio acadêmico e científico. Foram consultados dicionários etimológicos,

enciclopédias ornitológicas, catálogos de aves, bem como estudos etnobiológicos e etnolinguísticos sobre as comunidades tradicionais da região do Pantanal.

Além disso, buscou-se garantir a diversidade e representatividade do *corpus*, incluindo nomes provenientes de diferentes línguas indígenas, das variações sub-regionais pantaneiras do português do Brasil e de outras influências culturais presentes no Pantanal. Essa abrangência se mostrou essencial para capturar a riqueza e a complexidade dos processos de nomeação motivados por sons nessa região.

QUADRO 1 – *Corpus* de nomes das aves do Pantanal relacionado a vocalização com base Nunes *et al.* (2021)

Num.	Ordem	Família	Nome científico	Nome vernacular	Nome popular	Processo linguístico
1	Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus undulatus</i>	jaó	juó, macucaua	Empréstimo linguístico
2	Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	chororo, inambuxororó	Onomatopeia
3	Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã	zabelê	Empréstimo linguístico
4	Anseriformes	Tinamidae	<i>Anhima cornuta</i>	anhuma	anhima, aniúma	Empréstimo linguístico
5	Anseriformes	Anhimidae	<i>Chauna torquata</i>	tachã	chajá, chahã	Onomatopeia
6	Galliformes	Cracidae	<i>Ortalis camicollis</i>	aracua-do-pantanal	aracua, aracua-pintado	Onomatopeia
7	Galliformes	Cracidae	<i>Pauxi tuberosa</i>	mutum-cavalo	mutum, mutum-etê	Onomatopeia
8	Galliformes	Cracidae	<i>Crax fasciolata</i>	mutum-de-penacho	mutum, mutum-poranga	Onomatopeia
9	Galliformes	Cracidae	<i>Penelope ochrogaster</i>	jacu-de-barriga-castanha	jacuru, jacupoi	Empréstimo linguístico
10	Galliformes	Cracidae	<i>Penelope superciliaris</i>	jacupemba	jacu, jacu-peba	Empréstimo linguístico
11	Galliformes	Cracidae	<i>Aburria kujubi</i>	cujubi	cajubi, jacubim	Empréstimo linguístico
12	Columbiformes	Columbidae	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	juriti, pomba-juriti, pu-pú	Onomatopeia
13	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Tapera naevia</i>	saci	tapera, chochí, matintaperera	Empréstimo linguístico
14	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	chincóá, crocoió	Metáfora
15	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	anu, anuaí, anum	Onomatopeia
16	Cuculiformes	Cuculidae	<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca	anu, anu-guaçu, anu-chiriri	Onomatopeia
17	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Antrostomus rufus</i>	joão-corta-pau	joao-corta-pau, mariangú	Metáfora

Num.	Ordem	Família	Nome científico	Nome vernacular	Nome popular	Processo linguístico
18	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	Nyctidromus albigollis	bacurau	acuráu, amanhã-eu-vou	Onomatopeia
19	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	Nyctiphrynus ocellatus	bacurau-ocelado	curiango	Onomatopeia
20	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	Hydropsalis torquata	bacurau-tesoura	curiango-tesoura	Onomatopeia
21	Caprimulgiformes	Caprimulgidae	Hydropsalis parvula	bacurau-chintã	kuchiguyguy	Onomatopeia
22	Suliformes	Phalacrocoracidae	Nannopterum brasilianum	biguá	bigua-violeiro	Metáfora
23	Pelecaniformes	Ardeidae	Syrigma sibilatrix	maria-faceira	maria-faceira, socó	Metáfora
24	Pelecaniformes	Ardeidae	Nycticorax nycticorax	socó-dorminhoco	kuá, guacuru	Metáfora
25	Pelecaniformes	Ardeidae	Tigrisoma lineatum	socó-boi	iocó-pinim, soco-boi	Onomatopeia
26	Pelecaniformes	Threskiornithidae	Mesembrinibis cayennensis	coró-coró	coroca, cócoró	Onomatopeia
27	Galbuliformes	Bucconidae	Nystalus chacuru	joão-bobo	chacuru, chico-lerê	Empréstimo linguístico
28	Coraciiformes	Momotidae	Momotus momota	udu-de-coroa-azul	udu	Onomatopeia
29	Coraciiformes	Alcedinidae	Megascyle torquata	martim-pescador-grande	matraca, caracaxá	Descrição de som
30	Accipitriformes	Accipitridae	Heterospizias meridionalis	gavião-caboclo	grita-paz	Descrição de som
31	Gruiformes	Aramidae	Aramus guarauna	carão	chororão, Carao	Descrição de som
32	Charadriiformes	Charadriidae	Vanellus chilensis	quero-quero	quero-quero, Tetéu	Onomatopeia
33	Charadriiformes	Jacaniidae	Jacana jacana	jaçanã	jaçanã, nhansanã	Empréstimo linguístico
34	Strigiformes	Strigidae	Bubo virginianus	jacurutu	jucurutu, murucututu	Empréstimo linguístico
35	Strigiformes	Tytonidae	Tyto furcata	suindara	rasga-mortalha	Descrição de som
36	Falconiformes	Falconidae	Herpetotheres cachinnans	acauã	bispo, acanã, coã	Metáfora e Onomatopeia
37	Falconiformes	Falconidae	Caracara plancus	carcará	caracará, caracarai	Metáfora e Onomatopeia
38	Psittaciformes	Psittacidae	Ara chloropterus	arara-vermelha-grande	arara	Onomatopeia
39	Psittaciformes	Psittacidae	Ara ararauna	arara-canindé	arara-canindé	Onomatopeia
40	Psittaciformes	Psittacidae	Anodorhynchus hyacinthinus	arara-azul-grande	arara-azul	Onomatopeia
41	Psittaciformes	Psittacidae	Brotogeris chiriri	periquito-de-encontro-amarelo	chiriri, tuí-chiriri	Onomatopeia
42	Piciformes	Picidae	Campephilus melanoleucos	pica-pau-de-topete-vermelho	pica-pau-branco	Descrição de som

Num.	Ordem	Família	Nome científico	Nome vernacular	Nome popular	Processo linguístico
43	Piciformes	Picidae	Campephilus leucopogon	pica-pau-de-barriga-preta	pica-pau-de-barriga-preta	Descrição de som
44	Piciformes	Picidae	Celeus flavescens	pica-pau-de-cabeça-amarela	pica-pau-loiro, joão-velho	Descrição de som
45	Passeriformes	Furnariidae	Synallaxis frontalis	petrim	crispim, tifli	Onomatopeia
46	Passeriformes	Pipridae	Pipra fasciicauda	uirapuru-laranja	uirapuru	Empréstimo linguístico
47	Passeriformes	Cotingidae	Cephalopterus ornatus	anambé-preto	ananbé-una, giramembi	Empréstimo linguístico
48	Passeriformes	Tyrannidae	Sirystes sibilator	gritador	gritador	Descrição de som
49	Passeriformes	Tyrannidae	Pitangus sulphuratus	bem-te-vi	bem-te-vi	Onomatopeia
50	Passeriformes	Tyrannidae	Tyrannus melancholicus	suiriri	suiriri	Onomatopeia
51	Passeriformes	Tyrannidae	Empidonomus varius	peitica	peitica	Onomatopeia
52	Passeriformes	Tyrannidae	Machetornis rixosa	suiriri-cavaleiro	quiriru	Onomatopeia
53	Passeriformes	Tyrannidae	Myiophobus fasciatus	filipe	ferreirinho	Descrição de som
54	Passeriformes	Tyrannidae	Elaenia spectabilis	guaracava-grande	piu-piu	Onomatopeia
55	Passeriformes	Troglodytidae	Campylorhynchus turdinus	catatau	catatau, quebra-coco	Metáfora
56	Passeriformes	Vireonidae	Vireo chivi	juruviara	juruviara	Empréstimo linguístico
57	Passeriformes	Turdidae	Turdus rufiventris	sabiá-laranjeira	sabiá-laranjeira	Empréstimo linguístico
58	Passeriformes	Turdidae	Turdus leucomelas	sabiá-barranco	sabiá-branco	Empréstimo linguístico
59	Passeriformes	Turdidae	Turdus subalaris	sabiá-ferreiro	sabiá-campainha, sabiá-pita	Descrição de som
60	Passeriformes	Thraupidae	Tersina viridis	saí-andorinha	assobio	Descrição de som
61	Passeriformes	Thraupidae	Spinus magellanicus	pintassilgo	pintassilgo, pintassilva	Onomatopeia
62	Passeriformes	Thraupidae	Sicalis flaveola	canário-da-terra	tiziu	Onomatopeia
63	Passeriformes	Thraupidae	Ramphocelus carbo	pipira-vermelha	tiê-sangue	Descrição de som
64	Passeriformes	Thraupidae	Nemosia pileata	saíra-de-chapéu-preto	saíra, filho-de-saí	Empréstimo linguístico
65	Passeriformes	Thraupidae	Dacnis cayana	saí-azul	saí	Empréstimo linguístico
66	Passeriformes	Thraupidae	Thlypopsis sordida	saí-canário	saí-canário, canário-sapé	Empréstimo linguístico
67	Passeriformes	Thraupidae	Cyanerpes cyaneus	saíra-beija-flor	saí-beija-flor	Empréstimo linguístico
68	Passeriformes	Thraupidae	Hemithraupis guira	saíra-de-papo-preto	saíra-guira	Empréstimo linguístico

Num.	Ordem	Família	Nome científico	Nome vernacular	Nome popular	Processo linguístico
69	Passeriformes	Thraupidae	Volatinia jacarina	tiziu	tiziu	Onomatopeia
70	Passeriformes	Thraupidae	Sporophila leucoptera	chorão	patativa-chorona	Descrição de som
71	Passeriformes	Thraupidae	Sporophila caerulea	coleirinho	coleiro-tuí-tuí, coleiro-zel-zel	Onomatopeia
72	Passeriformes	Thraupidae	Saltator similis	trinca-ferro	viroleiro, tempera-viola	Metáfora
73	Passeriformes	Icteridae	Cacicus cela	xexéu	xexéu	Onomatopeia
74	Passeriformes	Icteridae	Icterus croconotus	joão-pinto	Guaxe, joão-pinto	Onomatopeia
75	Passeriformes	Passerellidae	Zonotrichia capensis	tico-tico	tico-tico	Onomatopeia
76	Passeriformes	Motacillidae	Anthus chii	caminheiro-zumbidor	pipi	Onomatopeia

Fonte: elaborado pelos autores

2.2 Pesquisa documental e análise morfológica e etimológica

Uma vez constituído o *corpus* e selecionada a amostra, foi realizada uma extensa pesquisa documental em dicionários etimológicos, enciclopédias ornitológicas e outros materiais de referência para investigar a origem e a motivação por trás de cada nome incluído. Essa análise morfológica e etimológica buscou desvendar os processos linguísticos envolvidos na criação desses termos, como onomatopeias, descrições de sons, metáforas, empréstimos linguísticos e outros mecanismos de formação lexical.

Para garantir a qualidade e a confiabilidade das informações morfo-etimológicas coletadas, foram consultadas fontes de referência amplamente reconhecidas, como o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss; Villar, 2009), o dicionário Aulete digital (2024), o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Machado, 1977), o dicionário do Tupi moderno (Boudin, 1978), o Dicionário do Tupi antigo (Navarro, 2013) e o Dicionário de nomes científicos de aves (Jobling, 2010).

Além disso, a análise etimológica foi guiada pelos princípios e métodos estabelecidos na literatura especializada em Lexicologia, Morfologia e Etimologia, como as obras de Rosa (2024), Viaro (2011) e Malkiel (1976). Esses referenciais teóricos forneceram diretrizes sólidas para a investigação rigorosa das origens e motivações dos nomes de aves.

3. Análise e Resultados

3.1 Panorama Geral do *Corpus*

A análise da amostra do *corpus* constituído por 76 nomes vernaculares e populares de aves do Pantanal cuja etimologia remete a uma descrição sonora revelou uma extraordinária riqueza de processos linguísticos e criativos envolvidos na criação desses termos. Os resultados evidenciam uma profunda conexão entre linguagem, percepção auditiva e meio ambiente na região estudada.

Os nomes coletados refletem uma diversidade de línguas e influências culturais, incluindo línguas indígenas como o Guaraní, o Tupi, o Bororo e o Guató, além das variações sub-regionais pantaneiras do português do Brasil e contribuições de outras etnias presentes no Pantanal. Essa multiplicidade de origens enriquece o *corpus* e revela a confluência de diferentes tradições na nomeação das aves locais.

A análise etimológica revelou quatro principais processos linguísticos subjacentes à criação desses nomes em perspectiva sonora: onomatopeias, descrições de sons, metáforas e empréstimos linguísticos. Cada um desses mecanismos será explorado em detalhes nas seções seguintes, com exemplos ilustrativos extraídos do *corpus*.

3.2 Onomatopeias

A onomatopeia, definida como a imitação direta de um som por meio de uma palavra, mostrou-se um recurso amplamente utilizado na nomeação de aves do Pantanal inspirada por sons. Cerca de 42 % dos nomes analisados são onomatopeias, refletindo uma tendência universal de traduzir experiências auditivas em forma linguística (Ullmann, 1987).

O quadro 2 apresenta exemplos proeminentes de onomatopeias encontradas no *corpus*, juntamente com a espécie de ave correspondente e a descrição do som imitado.

QUADRO 2 – Exemplos de onomatopeias no *corpus*

Nome	Espécie	Descrição do Som
bem-te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Imita a vocalização da espécie
bacurau	<i>Nyctidromus albicollis</i>	Deriva de sua vocalização
udu-de-coroa-azul	<i>Momotus momota</i>	<i>Udu</i> , onomatopeia da vocalização da espécie
arara-vermelha	<i>Ara chloropterus</i>	Oriundo de onomatopeia da vocalização da arara
saci, chochí	<i>Tapera naevia</i>	Deriva de sua vocalização
tachá, chahá	<i>Chauna torquata</i>	Deriva de sua vocalização
quero-quero, tetéu	<i>Vanellus chilensis</i>	Deriva de sua vocalização
petrim	<i>Synallaxis frontalis</i>	Deriva de sua vocalização
corócoró	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	Deriva de sua vocalização

Fonte: elaborado pelos autores

Esses nomes capturam de forma icônica a essência sonora das respectivas aves, estabelecendo uma conexão direta entre significante e significado. Vale ressaltar que, em alguns casos, as onomatopeias sofreram leves alterações fonéticas ao longo do tempo ou em diferentes variantes regionais, sem perder sua motivação sonora original. A recorrência de onomatopeias e descrições de sons no *corpus* corrobora os princípios da teoria da motivação linguística (Ullmann, 1962; Guiraud, 1961), que postula a existência de uma relação não-arbitrária entre significante e significado, impulsionada por fatores cognitivos e perceptivos.

3.2.1 Análise de Caso Específico: o Socó-dorminhoco (*Nycticorax nycticorax*)

Para compreender os diferentes aspectos envolvidos na denominação sonora das aves, seleciona-se um exemplo significativo do *corpus*, explorando sua construção semântica e suas interconexões com o conhecimento tradicional e ambiental.

O *socó-dorminhoco* (*Nycticorax nycticorax*), também conhecido como garça-noturna ou savacu, possui um nome composto que combina onomatopeia e descrição comportamental. “Socó” imita sua vocalização noturna grave e repetitiva, enquanto “dorminhoco” descreve seu comportamento aparentemente sonolento durante o dia, característico de uma ave noturna.

Segundo Marques (1998), as aves são consideradas áugures e vígeis, integrando uma sociedade heteroespecífica com humanos. O autor classifica o *socó-dorminhoco* como ornitoáugure meteórico,

pois sua vocalização noturna é frequentemente associada a mudanças climáticas em culturas tradicionais.

Este nome exemplifica como a nomenclatura popular das aves pode incorporar múltiplas camadas de significado, combinando características sonoras, comportamentais e culturais, refletindo um rico conhecimento tradicional sobre a natureza.

3.3 Descrições de Sons

Outro processo linguístico amplamente presente na amostra do *corpus* é a descrição de características específicas do som emitido pela ave, como ritmo, timbre ou intensidade. Essas descrições revelam uma capacidade aguçada de observação auditiva e uma tendência humana de traduzir experiências sensoriais em forma linguística (Guiraud, 1961).

O quadro 3 apresenta exemplos desse tipo de nomes, juntamente com a espécie correspondente e a característica sonora descrita.

QUADRO 3 – Exemplos de descrições de sons no *corpus*

Nome	Espécie	Característica Sonora Descrita
gritador	<i>Sirystes sibilator</i>	Chamado estridente de alarme
Suindara, rasga-mortalha	<i>Tyto furcata</i>	O som produzido se assemelha a mortalha sendo rasgada
sabiá-ferreiro	<i>Turdus subalaris</i>	Vocalização de timbre metálico
chorão	<i>Sporophila leucoptera</i>	Vocalização comparado a um choro, melancólico
ferreirinho-relógio	<i>Todirostrum cinereum</i>	O som emitido se assemelha à repetidas batidas de ferro e à corda de um relógio
socó-boi, socó-vaca	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Som comparado ao mugir de um boi
matraca	<i>Megasceryle torquata</i>	Produz voz ruidosa ao voar, como de matraca

Fonte: elaborado pelos autores

Essas descrições sonoras, presentes em cerca de 20 % dos nomes analisados, refletem uma riqueza lexical e uma sensibilidade às nuances acústicas das vocalizações das aves. Elas sugerem uma capacidade auditiva expressiva, em relação aos sons da natureza, por parte das comunidades tradicionais do Pantanal.

3.3.1 Análise de Caso Específico: a Rasga-mortalha (*Tyto furcata*)

A análise detalhada de um caso emblemático do *corpus* permite evidenciar a sofisticação e multiplicidade dos processos de nomeação baseados em sons, revelando suas dimensões semânticas e seus vínculos com as práticas culturais e conhecimentos ecológicos.

O nome rasga-mortalha, também atribuído à espécie *Tyto furcata* (conhecida como suindara ou coruja-das-torres), é um exemplo notável de descrição de som que reflete crenças populares brasileiras. O nome deriva da associação cultural entre o som emitido pela ave e o barulho do tecido sendo rasgado para fazer mortalhas (tecido para envolver defuntos).

Segundo Marques (1998), esta coruja é classificada como ornitoáugure funéreo, pois sua vocalização é tradicionalmente interpretada como presságio de morte. Esta interpretação demonstra como os sons das aves podem ser incorporados ao imaginário cultural e às crenças locais.

Como observado por Pissolato e Mender Junior (2016), a interpretação dos sons das aves vai além do reconhecimento de espécies, constituindo um “saber-com-pássaros” que conecta manifestações sonoras, ambiente e vida humana. O nome rasga-mortalha exemplifica esta conexão, refletindo não apenas uma descrição sonora, mas também incorporando aspectos culturais e simbólicos das tradições populares brasileiras.

3.4 Metáforas

Em um número significativo de casos, os nomes de aves da amostra do *corpus* envolvem metáforas que relacionam o som produzido a outros elementos da natureza, da cultura ou da experiência humana. Esse processo criativo, presente em aproximadamente 12 % dos termos analisados, revela uma tendência de mapear experiências sensoriais em domínios conceituais familiares.

O quadro 4 apresenta exemplos de nomes metafóricos encontrados no *corpus*, juntamente com a espécie correspondente e a metáfora envolvida.

QUADRO 4 – Exemplos de metáforas no *corpus*

Nome	Espécie	Metáfora
carão, chororão	<i>Aramus guarauna</i>	Vocalização comparado a um choro, exemplo na canção “Pássaro Carão” de José Marcolino e Luiz Gonzaga
acauã, bispo	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Vocalização comparada a um bispo cantando “Deus chamou” ou “Deus quer um”. Se enquadra também em onomatopeia.
saci, chochi, matintaperera (do Tupi <i>matintaperé</i>)	<i>Tapera naevia</i>	<i>Tapera</i> no latim, <i>taperera</i> no português do Brasil, vocalização da ave imitando vozes de espíritos, segundo mitologia indígena
trinca-ferro, violeiro, tempera-viola	<i>Saltator similis</i>	Vocalização comparado ao som de um violão, dada a elaboração melódica da vocalizaçãodessa ave
carcará, carácará	<i>Caracara plancus</i>	Vocalização em guarani, <i>kyrá kyrá kyrá kyrá be</i> : quando está defendendo a comida, e sua tradução em língua portuguesa é <i>gordo, gordo, gordo, gostoso</i>
joão-corta-pau	<i>Antrostomus rufus</i>	Fonema que descreve o nome da ave (Straube; Accordi; Argel, 2007). Neste caso, não necessariamente está relacionado à suposta ação do verbo cortar.
socó-dorminhoco, kuá	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Vocalização que em guarani significa cova, poço ou buraco. Seria um aviso sobre morte ou má sorte. Espécie ornitoáugure
quebra-coco, catatau	<i>Campylorhynchus turdinus</i>	Vocalização, embora onomatopeica, também se relaciona com a atividade de quebrar-coco
inhambu-chororó	<i>Crypturellus parvirostris</i>	Vocalização de motivação onomatopeica que em guarani é <i>tororõ</i> e significa ruído retumbante como o de queda d’água em cachoeira
amanhã-eu-vou	<i>Nyctidromus albicollis</i>	Vocalização que remete à ação.

Fonte: elaborado pelos autores

Essas metáforas sonoras sugerem uma profunda integração entre a percepção auditiva e outros aspectos da experiência vivida pelas comunidades locais. Elas refletem uma busca por tornar os sons das aves mais tangíveis e compreensíveis por meio de analogias com elementos cotidianos. Já a presença de metáforas sonoras dialoga com a visão holística de Messiaen sobre a tradução intersemiótica de experiências sensoriais na música inspirada pela natureza. Essa perspectiva ecoa a ideia de que a nomeação de aves motivada por sons envolve processos criativos semelhantes ao mapeamento conceitual.

3.4.1 Análise de Caso Específico: o Chororão (*Aramus guarauna*)

Para demonstrar a diversidade e o entrelaçamento dos mecanismos que fundamentam a nomenclatura sonora das aves, examina-se um exemplo representativo do *corpus*, investigando seus níveis semânticos e suas relações com a cultura e o ambiente.

O nome *chororão* (*Aramus guarauna*), também conhecido como *carão*, combina elementos descritivos e metafóricos em sua nomenclatura. O sufixo “-rão” descreve a intensidade do som, enquanto “choro” estabelece uma metáfora antropomórfica, relacionando a vocalização da ave ao choro humano.

Messiaen (1999) enfatiza a importância da tradução metafórica de sons naturais na criação musical, sugerindo um processo de tradução intersemiótica na nomeação das aves.

Marques (1998) destaca o papel augural das aves, classificando suas vocalizações em diferentes tipologias: funéreas, funestas, societárias, meteóricas e fantásticas. Segundo Souza, Bahia e Santori (2023), a interpretação dessas vocalizações está intrinsecamente ligada ao modo de vida e necessidades das comunidades, refletindo motivações históricas e socioculturais específicas.

3.5 Empréstimos Linguísticos

Por fim, a amostra do *corpus* analisado revelou a presença de nomes oriundos de empréstimos linguísticos, ou seja, termos incorporados de outras línguas, sejam elas indígenas, africanas ou de imigrantes presentes na região do Pantanal. Esse fenômeno, representando cerca de 26 % dos casos estudados, reflete a rica diversidade cultural e as trocas interétnicas que moldaram a nomenclatura ornitológica local.

O quadro 5 apresenta exemplos de empréstimos linguísticos encontrados no *corpus*, juntamente com a espécie correspondente e a língua de origem do termo.

QUADRO 5 – Exemplos de empréstimos linguísticos no *corpus*

Nome	Espécie	Língua de Origem
anhuma	<i>Anhima cornuta</i>	Anhuma e Anhima do Tupi <i>nhãum</i> , que significa “ave preta”, mas também uma onomatopeia da vocalização da ave.
cujubi	<i>Aburria kujubi</i>	Tanto em português do Brasil e em latim, os nomes têm origem indígenas, Cujubi do Tupi <i>Kuiumbi</i> (nome do jacu verde), <i>Aburria</i> nome onomatopeico ameríndio colombiano da vocalização do Jacu.
jacurutu	<i>Bubo virginianus</i>	Do Tupi <i>yaku'rutu</i> , nome onomatopeico
chiriri	<i>Brotogeris chiriri</i>	Do tupi-guarani <i>chyriry</i> , fritar; ou <i>chiriri</i> , nome onomatopeico para o ruído sonoro produzido pela ave
chacuru	<i>Nystalus chacuru</i>	Do guarani <i>chacurú</i> , nome onomatopeico

Fonte: elaborado pelos autores

A presença desses empréstimos linguísticos no *corpus* evidencia a influência de diferentes tradições culturais na percepção e nomeação das aves do Pantanal, mesmo na atribuição dos nomes em latim (científicos). Eles são testemunhos vivos do encontro e da miscigenação de povos que ocorreu nessa região e que deixou suas marcas na terminologia ornitológica. Além disso, os empréstimos linguísticos identificados refletem os princípios da Etnoterminologia (Costa, 2017) e da Etnobiologia linguística (Berlin, 1992), que enfatizam a importância de reconhecer e valorizar os sistemas de conhecimento tradicional expressos por meio da língua e da nomenclatura local.

3.5.1 Análise de Caso Específico: o Jacurutu (*Bubo virginianus*)

Para ilustrar a riqueza e a complexidade dos processos envolvidos na criação dos nomes de aves inspirados por sons, é analisado um caso específico do *corpus*, explorando as camadas de significado e as conexões culturais e ecológicas subjacentes.

O termo jacurutu, nome dado à espécie *Bubo virginianus*, tem origem no Tupi antigo *yaku'rutu*, significando “ave que grita” (Navarro, 2013). Este nome exemplifica tanto um empréstimo linguístico quanto uma onomatopeia, reproduzindo a vocalização característico desta coruja.

Messiaen (1999) enfatiza a relevância dos nomes indígenas na compreensão dos sons naturais, demonstrando a forte conexão dessas culturas com o ambiente. O nome *jacurutu* representa essa relação, combinando herança linguística e observação sensorial refinada.

Pissolato e Mender Junior (2016), em seu estudo com três comunidades guaranis no Brasil, identificaram que as aves têm papel fundamental na percepção ambiental destes grupos. A interpretação das vocalizações das aves vai além do simples conhecimento das espécies, constituindo um "saber-com-pássaros" que conecta sons, ambiente e vida humana.

3.6 Análise Quantitativa

Para complementar a análise qualitativa dos processos linguísticos envolvidos na criação dos nomes de aves, foi realizada uma análise quantitativa visando determinar a frequência relativa de cada mecanismo no *corpus* estudado.

As onomatopeias representam o mecanismo mais frequente, correspondendo a 32 nomes analisados. Em seguida, temos os empréstimos linguísticos com 20 nomes, as descrições de sons com 15 denominações, e por fim, as metáforas com 9 ocorrências no *corpus*.

Essa distribuição quantitativa revela algumas tendências interessantes. A predominância de onomatopeias reforça a importância da imitação direta dos sons como estratégia de nomeação. Já a presença significativa de descrições de sons sugere uma ênfase na caracterização detalhada das qualidades acústicas das vocalizações das aves por parte das comunidades locais.

O exercício de categorizar as aves conforme o uso e a aplicação pelas populações são transcultural (Marques, 1998). Morfologia e onomatopeia correspondem às principais características classificatórias para a etnotaxonomia desenvolvida por comunidades tradicionais (Souza; Bahia; Santori, 2023), e a aplicação onomatopeica pode ser o atributo prevalente utilizado por determinados grupos sociais (Freitas; Pasa, 2011). Sick (1997), notável ornitólogo dedicado ao estudo das aves brasileiras, confirma que a nomeação onomatopeica dada pelas línguas originárias possui correspondência a vocalização das espécies como acauã, carão, arara, bacurau.

Ibarra, Caviedes e Benavides (2020) ao realizarem revisão de literatura sobre nomes de pássaros mapuches e suas etimologias, observaram que a influência onomatopeica é uma raiz fundamental dos nomes de aves usados por diferentes povos indígenas do mundo, incluindo os Mapuche, em que 47% das aves são nomeadas segundo orientação onomatopeica.

As metáforas, por sua vez, evidenciam a busca por tornar os sons das aves mais tangíveis e compreensíveis por meio de analogias com aspectos familiares da experiência humana. Por fim, os empréstimos linguísticos ressaltam a contribuição de diferentes tradições culturais para a nomenclatura ornitológica do Pantanal, até do mundo.

É importante notar que, em alguns casos, um mesmo nome de ave pode exibir uma confluência de mais de um processo linguístico. Por exemplo, o nome *chororão* combina uma descrição do som (relacionada a um choro, um lamento) com uma metáfora antropomórfica. Nesses casos, o nome foi classificado de acordo com o processo considerado predominante ou mais saliente.

Considerações finais

A análise dos nomes das aves do Pantanal evidenciou quatro processos linguísticos fundamentais: onomatopeias (42%), empréstimos linguísticos (26%), descrições de sons (20%) e metáforas sonoras (12%). Esta distribuição demonstra a predominância da motivação sonora na nomenclatura ornitológica regional, onde as onomatopeias capturam iconicamente as vocalizações das aves, enquanto as descrições de sons revelam uma notável sensibilidade às nuances acústicas. As metáforas traduzem experiências auditivas em conceitos socioculturais, e os empréstimos linguísticos, principalmente de origem indígena, documentam o encontro de diferentes tradições culturais.

A coexistência de nomes vernaculares e populares, frequentemente combinando diferentes processos linguísticos, constitui um rico patrimônio cultural que preserva conhecimentos históricos e ecológicos tradicionais. Esta complexa tessitura nomenclatural, que ressoa com a abordagem multifacetada de Messiaen (1999) em seu *Traité de rythme, de couleur, et d'ornithologie*, revela não apenas a diversidade linguística do português brasileiro, mas também as profundas conexões entre comunidades locais, ambiente sonoro e biodiversidade pantaneira.

Em suma, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da interface entre linguagem, percepção sonora e nomenclatura ornitológica no Pantanal. Ao desvendar os processos criativos e as motivações subjacentes à criação desses nomes, valorizamos não apenas a riqueza linguística, mas também o conhecimento tradicional e a relação íntima entre os povos locais e a natureza dessa região singular.

Essa investigação reforça a importância de preservar e valorizar os sistemas de conhecimento tradicional expressos por meio da língua e da nomenclatura local, conforme preconizado pelos princípios da Etnoterminologia e da Etnobiologia linguística. Cada nome de ave inspirado por sons é um tesouro linguístico e cultural, carregando em si uma carga de significados, histórias e percepções sensoriais acumuladas ao longo de gerações.

REFERÊNCIAS

ALHO, Cleber José Rodrigues; MAMEDE, Simone Batista; BENITES, Maristela *et al.* Ameaças à biodiversidade do Pantanal Brasileiro pelo uso e ocupação da terra. **Ambiente & Sociedade**, 22, e01891, 2019.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino *et al.* Methods and techniques used to collect ethnobiological data. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de Lucena; ALVES, Rômulo Romeu Nobrega (ed.). **Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology**. New York: Springer, 2014.

ANTUNES, Irandé. A língua e a identidade cultural de um povo. **Língua Portuguesa e identidade: marcas culturais**. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

AVIBASE. **The World Bird Database**. Disponível em: <<https://avibase.bsc-eoc.org/avibase.jsp>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. Para uma Etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Cienc. Cult:** São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EdUSP, 2004.

BERLIN, Brent. **Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies**. Princeton: Princeton University Press, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. *Revista Palavra*. Petrópolis: **Vozes**, v. 5, n. 1, p. 81-97, 1999.

BOUDIN, Max Henri. **Dicionário de Tupi moderno**: Dialeto tembé-ténetéhar do alto do rio Gurupí. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BRASIL, João Filipe Domingues. Sociodiversidade étnica, linguística, e cultural entre os povos indígenas no Pantanal do século XVI. *In: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: UFSC, 2015. p. 1-15.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CAMACHO, Igor; BAHIA, Joana; SANTORI, Ricardo Tadeu. **Entre imbuíás e pescadores**: etnoornitologia dos pescadores artesanais da praia de Zacarias, município de Maricá, estado do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2023.

COSTA, Nathalia Martins Peres; GOMES, Dionei Moreira. A etnoterminologia da língua Mundurukú - Tupí e as contribuições da Ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 252-274, 2013.

Disponível em: <<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/23967>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

COUES, Elliott. **Handbook of field and general ornithology**. London: Macmillan and Co., 1890.

DELMOND, Thierry. **Estudo léxico-semântico multilíngue das denominações especializadas da avifauna do Pantanal sul-mato-grossense**: subsídios para a elaboração de um verbete (português-francês; francês-português). 2022, 428 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022.

FARIAS, Gilmar Beserra de; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. Aspectos históricos e conceituais da Etnoornitologia. **Biotemas**, v. 20, n. 1, p. 91-100, 2007a.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/20784>>. Acesso em: 10 fev. 24.

FARIAS, Gilmar Beserra de; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. É importante pesquisar os nomes das aves? **Revista brasileira de ornitologia**, v. 15, n. 3, p. 403-408, 2007b.

FAULSTICH, Enilde. Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia. **Termo e variação**. Brasília, Universidade de Brasília / LIV, 1995.

FERNANDES, Izaias Médice; SIGNOR, Cleiton Adriano; PENHA, Jerry. **Biodiversidade no Pantanal de Poconé**. Cuiabá: Centro de Pesquisa do Pantanal, 2010. p. 36-38.

FREITAS, Maria Niely de; PASA, Maria Corette. **En-canto**: a etno-ornitologia no Sul de Mato Grosso. Jundiá: Paco editorial, 2011.

GANASSIN, Amanda Rodrigues; MARTELLO, Mayra Duarte; ALVES, Gilberto Luiz; MATIAS, Rosemary. Curandeirismo na fronteira entre Mato Grosso e o Paraguai: 1882-1943. **Espaço Ameríndio**, v. 17, n. 3, p. 34-53, 2023.

GOMES, Carla Raphaela Gonzaga; EPIFÂNIO, Ariana Dias; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. Estudo etnoornitológico no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, n. 158, p. 49-54, 2010.

GUIRAUD, Pierre. **Les locutions françaises**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

GWYNNE, John; RIDGELY, Robert; ARGEL, Martha; TUDOR, Guy. **Guia Aves do Brasil**: Pantanal e Cerrado. São Paulo: Horizonte Geográfico, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNN, Eugene Stor. The utilitarian factor in folk biological classification. **American Anthropologist**, v. 84, n. 4, p. 830-847, 1982.

IBARRA, José Tomás; CAVIEDES, Julián; BENAVIDES, Pelayo. Winged Voices: Mapuche Ornithology from South American Temperate Forests. **Journal of Ethnobiology**, v. 40, n. 1, p. 89-100, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jéri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves. (org.) **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2003. p. 165-181.

JOBLING, James. **The Helm dictionary of Scientific bird names**. London: Christopher Helm, 2010.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. Do canto bonito ao berro do bode: percepção do comportamento de vocalização em aves entre camponeses alagoanos. **Revista de Etologia**, n. esp., p. 78-95, 1998.

MALKIEL, Yakov. **Etymological dictionaries: a tentative typology**. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

MAXWELL, Allen Richmond. Kedayan ethno-ornithology—a preliminary report. **Brunei Museum Journal**, v. 1, n. 1, p. 197-217, 1969.

MESSIAEN, Olivier. **Traité de rythme, de couleur, et d'ornithologie**. Tomo V. Paris: Alphonse Leduc, 1999.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo: a língua brasileira dos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Global, 2013.

NUNES, Alessandro Pacheco; POSSO, Sergio Roberto; FROTA, Angélica Vilas Boas da *et al.* Birds of the Pantanal floodplains, Brazil: historical data, diversity, and conservation. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 61, 2021.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. A hidrovia Paraguai-Paraná e o patrimônio arqueológico brasileiro: denúncia de um caso de sofisma. **Fronteiras - Revista de História**, v. 1, n. 2, p. 47-64, 1997.

PACHECO, José Fernando; SILVEIRA, Luis Fabio; ALEIXO, Alexandre. *et al.* Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee, second edition. **Ornithology Research**, v. 29, n. 2, p. 94-105, 2021.

PISSOLATO, Elizabeth de Paula; MENDES JUNIOR, Rafael Fernandes. Saber sobre pássaros, saber com pássaros: introdução a um estudo sobre formas de interação e modos de conhecimento na experiência de pessoas guarani. **Teoria e cultura**, v. 11, n. 2, p. 37-51, 2016.

REY, Alain. **La lexicologie: lectures**. Paris: Klincksieck, 1970.

REY, Alain. **La terminologie: noms et notions**. Collection « Que sais-je ? ». Paris: P.U.F, 1979.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

SICK, Helmut. **Introdução à ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SILVA, João Dos Santos Vila. DE MOURA ABDON, Myrian. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. **Pesquisa agropecuária brasileira**, v. 33, n. 13, p. 1703-1711, 1998.

SILVA, José de Melo. **Fronteiras guaranis**: com um estudo sobre o idioma guarani, ou ava-ne-é. São Paulo: Imprensa Metodista, 1939.

STRAUBE, Fernando Costa; ACCORDI, Iury Almeida; ARGEL, Martha. Nomes populares de aves brasileiras coletados por Johann Natterer (1817-1835). **Atualidades ornitológicas**, n. 137, p. 1-7, 2007.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

UNESCO. **Aire de conservation du Pantanal**, 2000. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/fr/list/999>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WIKIAVES 2024. **Site de registro brasileiro das observações das aves no Brasil**. Disponível em: <<https://www.wikiaves.com.br>>. Acesso em: 15 maio. 24.

SOBRE OS AUTORES

Thierry Delmond é Doutor em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas (2022). Pesquisador voluntário e Pós-doutorando pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), cidade Universitária de Campo Grande (2023-2025). Mestre em Engenharia das Formações em saúde pela Universidade Sorbonne Paris Nord/Paris 13, Campus de Bobigny (2015). Pesquisador na linha de pesquisa "Estudos Transdisciplinares" com ênfase em Terminografia, Ornitologia e Linguística Computacional. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2650-4779>. E-mail: thierry.delmond@hotmail.fr

William Teixeira é Professor Adjunto no Curso de Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 2016. Atuou como pesquisador visitante na Universidade de Harvard (Fulbright Junior Faculty 2022/2023) e no IRCAM (ERC-CONFAP-FUNDECT 2023). É Bacharel em música com habilitação em violoncelo pela UNESP (2012) e completou seus estudos de Pós-Graduação sob a orientação do compositor Silvio Ferraz, sendo bolsista FAPESP. Obteve os títulos de Mestre em música pela UNICAMP (2014) e Doutor em música pela USP (2017), realizando estágios de pesquisa na Paul Sacher Stiftung (Suíça) e na Akademie der Künste, Berlim (Alemanha). Prosseguiu sua formação por meio de Pós-Doutorado em Filosofia na PUC-RS, concentrando-se na pesquisa sobre filosofia analítica da arte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6622-378X>. E-mail: william.teixeira@ufms.br

Maristela Benites da Silva possui graduação em Ciências Biológicas, Licenciatura Plena e Bacharelado, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2000) e mestrado em Ecologia e Conservação pela UFMS (2002). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - INFI/UFMS, pesquisadora e educadora ambiental no Instituto Mamede de Pesquisa Ambiental e Ecoturismo. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia de Aves, e atua principalmente nos seguintes temas: Cerrado, Pantanal, Chaco, educação ambiental, biodiversidade, ecoturismo, observação de aves e etnopassarinho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0024-1122>. E-mail: maris.benites@gmail.com

CREDIT TAXONOMY

Thierry Delmond			
X	Conceptualização	X	Recursos
X	Curadoria de dados		Software
X	Análise formal		Supervisão
	Aquisição de financiamento	X	Validação
X	Investigação	X	Visualização
X	Metodologia	X	Escrita – manuscrito original
X	Administração do projeto	X	Redação-- revisão e edição

William Teixeira			
X	Conceptualização	X	Recursos
	Curadoria de dados		Software
	Análise formal	X	Supervisão
X	Aquisição de financiamento		Validação
	Investigação		Visualização
X	Metodologia	X	Escrita – manuscrito original
X	Administração do projeto	X	Redação-- revisão e edição

Maristela Benites da Silva			
	Conceptualização	X	Recursos
	Curadoria de dados		Software
	Análise formal		Supervisão
	Aquisição de financiamento		Validação
X	Investigação		Visualização
X	Metodologia	X	Escrita – manuscrito original
	Administração do projeto	X	Redação-- revisão e edição

<https://credit.niso.org/>